



EDMIR PERROTTI

MEMORIAL

Apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, tendo em vista o concurso para provimento efetivo do cargo de Professor-Assistente do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, disciplina "Biblioteca, Documentação e Sociedade".

SÃO PAULO
1986

S U M Á R I O

	PÁGINA
I IDENTIFICAÇÃO	02
II INTRODUÇÃO	03
1 TÍTULOS ACADÊMICOS	31
1.1 LICENCIATURA	31
1.2 MESTRADO	31
1.3 DOUTORAMENTO	31
2 CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO	32
2.1 MESTRADO NO PAÍS	32
2.2 MESTRADO NO EXTERIOR	32
2.3 DOUTORAMENTO (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ECA)	33
3 ATIVIDADES CIENTÍFICAS	34
3.1 PESQUISA	34
3.2 ESTÁGIOS	35
3.3 COORDENAÇÃO DE CONGRESSOS E SEMINÁRIOS	35
3.4 PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS, SEMINÁRIOS ENCONTROS, REUNIÕES CIENTÍFICAS DIVERSAS	36
3.5 PUBLICAÇÕES	40
4 ATIVIDADES DIDÁTICAS	47
4.1 NO 1º e 2º GRAUS	47
4.2 NA UNIVERSIDADE, NO EXTERIOR	47
4.3 NA UNIVERSIDADE, NO BRASIL	47
4.4 OUTROS CURSOS	48
4.5 EXPERIMENTAÇÃO	49
4.6 PALESTRAS, CONFERÊNCIAS, DEBATES	49
4.7 ATIVIDADES DIDÁTICO-ADMINISTRATIVAS	54
5 ATIVIDADES PROFISSIONAIS	55
6 MEMBRO DE JÚRI	56
7 ASSOCIAÇÕES A QUE PERTENCE	57
8 DISTINÇÕES PROFISSIONAIS	58

I D E N T I F I C A Ç Ã O

Nome : EDMIR PERROTTI
Filiação : André Perrotti e Isaura Teixeira Perrotti
Nascimento : 03 de maio de 1945 - São Paulo, SP
R.G. : 4.320.308
C.I.C. : 244875388/15
Eleitor : 255085 - 5ª zona - 78ª secção
Reservista : 65479 - Série F - 2ª RM - 4ª C.R.
Estado Civil : Casado (2 filhas)
Endereço : Rua Lamartine Babo, 41
04714 - São Paulo, SP
Telefone : 521-3501

I N T R O D U Ç Ã O

A princípio pensei que fosse mais uma formalidade, dentre as tantas exigidas pela burocracia da Universidade. (Essa burocracia que tanto tolhe a criação no ensino superior!). Demorei-me no assunto, conversei a respeito com alguns colegas de profissão, busquei entender, dei algum tempo. Alguma coisa me incomodava ao pensar em fazer um memorial; a resposta dada à exigência - burocracia - não me satisfazia. Havia sempre outro tipo de necessidade real: a banca de um concurso tem que conhecer a competência dos candidatos. Procurei ir mais fundo. Aprendera, com Freud, a desconfiar da transparência dos discursos. O meu fazia sentido, mas o incômodo que sentia deveria prender-se a outras razões não tão fáceis de serem localizadas. Talvez valesse a pena prestar atenção aos fragmentos discursivos que emergiam, indiscretos, vez ou outra, ao pensamento e tentar agarrá-los. Neles poderiam estar elementos reveladores e, ao mesmo tempo, apaziguadores, de minhas dúvidas. Não consigo tranquilidade para trabalhar sem compreender minhas razões. Talvez sinta que trabalho e identidade estejam muito próximos, como pretendeu o velho Hegel. Mas isso não tem importância. A verdade é que a profissão é para mim forma primeira de expressão, de encontro com o mundo, força e fraqueza numa realidade dividida por todos os tipos de lutas.

Aí o ponto? Elaborar um memorial seria tentar ordenar dilaceramentos ordenáveis apenas às vistas de interlocutores impossibilitados de penetrar nos desvãos do sujeito do discurso? Eles, os interlocutores, não teriam de satisfazer-se com a vida profissional congelada em relatos, certificados, diplomas, fotocópias de artigos, etc? Elaborar um memorial não seria operar um congelamento de segundo grau da experiência? Nessa altura so-

correu-me Barthes: não vivemos fora da linguagem. "Tricher" (palavra saborosa!) a língua, "trapacear com a língua", apresenta-se como a única forma de escapar à "doxa", ao esterótipo que ronda implacavelmente cada signo e que impede de caminharmos para a utopia - sempre malograda - da comunicação plena. A "salutar trapaceira" poderia, no caso, ser feita através de um relato que tentasse ultrapassar a frieza dos dados, colocando o sujeito do enunciado em cena, junto com seus papéis.

Foi assim que pude começar a vislumbrar percursos, buscar minha memória com certa tranqüilidade, revisitando tempos e lugares pelos quais passei. Alguns agradáveis, outros nem tanto; outros, ainda, que talvez valesse a pena esquecer, se isso fosse possível. Em todo caso, retorno feito com envolvimento emocional semelhante ao do velho professor bergmaniano que tanto me tocou nos sensíveis "Morangos Silvestres"; retorno feito com o distanciamento de quem acredita que tudo está a ser feito neste país de contradições extremadas e bárbaras: Vila Socó x Jardim Europa.

Como toda memória, esta é ambígua. Volta ao passado com núcleo no presente e olhos no futuro. Este, traduzido ("tradutor-traidor") na sigla "Biblioteca & Sociedade", ponto de convergência dos dados expostos no documentos impressos, entregue a exame. Em tais condições, circunstanciar certas situações e experiências passadas deixa de ser obrigação formal: procura-se entender a adequação das pretensões do candidato às pretensões da Universidade. Cuidar de tal empresa é assunto da maior seriedade, pois uma disciplina nova como "Biblioteca e Sociedade" representa uma autêntica virada na concepção de biblioteca que prevaleceu nestes tempos tecnocráticos. Além disso, num país onde o acesso aos bens culturais foi sempre reservado a um restrito e privilegia-

do grupo, pensar a biblioteca vinculada à sociedade significa abordar a questão cultural dentro de parâmetros que não admitem improvisações, mesmo se os dados sobre o papel da Biblioteca na Sociedade brasileira sejam escassos.

A pormenorização dos dados julgados por mim importantes dentro dos quadros do concurso para a disciplina "Biblioteca e Sociedade", aparecerá na primeira parte do memorial, agrupada em torno de certos eixos que englobam atividades afins, ainda que estas possam ser de natureza diversa. A opção deveu-se ao fato de, assim, evitar-se a monotonia pouco esclarecedora de propósito, comum a toda espécie de listagens de vida pregressa, ordenada segundo fórmulas oficiais fixas. Para estas, haverá uma segunda parte, com dados devidamente registrados e comprovados com os documentos que consegui reunir. Isso não significará, todavia, seleção aleatória. Trata-se, antes, de deixar clara minha posição atual face a diferentes acontecimentos de minha vida profissional que, segundo entendo, justificam minha apresentação ao concurso.

MEMÓRIA POSTA A PROVA:
TÍTULOS ACADÊMICOS, CURSOS UNIVERSITÁRIOS

Uma razão especial levou-me à Licenciatura em Letras: meu fascínio pela leitura e pela literatura, desde que, aos dez, onze anos, descobri, por acaso, uma seleção de livros de Monteiro Lobato, na casa de um amigo da família. A partir de então, mesmo vivendo em ambiente onde não circulavam livros - apenas jornais, desses que as pesquisas de leitura dizem interessar a públicos pouco exigentes -, descobri um segredo que necessitava compartilhar: os livros contêm vida.

Foi difícil furar o bloqueio que as classes populares sempre tiveram para conseguir acesso à educação e à cultura livresca. Foi difícil encontrar meios de dar vazão à necessidade que tinha de ver compartilhado meu segredo. Achei que tinha conseguido, no final da adolescência: ser professor.

Prestei vestibular e, em 1968, estava na Maria Antônia, suprema alegria que durou pouco. Um ano, talvez, até o AI-5 e à crescente escalada estruturalista na Universidade que, mais que a vida, buscava na literatura "invariantes: esquemas, paradigmas, modelos", conforme feliz observação de Alfredo Bosi, no prefácio à Ideologia da Cultura Brasileira, de Carlos Guilherme Mota.

Comecei a lecionar já no segundo ano da Faculdade, em escola estadual da periferia de São Paulo. A realidade da sala de aula contrapunha-se à da Estrutural-Universidade, onde se lia - sem se compreender, na maioria das vezes - os últimos teóricos de exportação, voltando-se as costas para o universo criado por escritores que sempre me tinham revelado, mais que qualquer outra categoria, certos mecanismos do mundo e que, certamente, tinham ainda muito a dizer.

À época, não compreendia bem o que se passava. Sentia-me insatisfeito com os caminhos da Universidade, mas as discussões que poderiam tornar os problemas claros estavam proteladas - sem que se dissesse - para momento menos perigoso. Além disso, a euforia de muitos diante de morfemas, monemas, "paranemas" inibiam temperamentos preocupados, ainda, com os segredos contidos nos livros. A "Ciência da Literatura" conseguirá, dizem, explicar os livros de forma objetiva, retirando os estudos literários de seu estágio medieval. Claro, a "modernização" não era apenas econômica e social. Era também cultural.

Mas continuava ligado ao segredo da infância e sentia que os caminhos deveriam ser outros. A realidade da sala de aula também me confirmava tais suspeitas. Assim, mais que com projeções do eixo paradigmático sobre o sintagmático, preocupei-me com fazer chegar aos meus alunos da periferia material de leitura para, simplesmente, possibilitar-lhes o exercício do ato de ler. O restante seria feito pela vontade enorme que eu guardava de trocar com eles impressões sobre o mundo contido nos livros. Fiz assim.

Quanto dinheiro miúdo, recolhido nas salas de aula para comprar com desconto, diretamente de editoras, para desespero de livreiros. Mas, o que fazer? Quanta conversa gostosa, dramatizações, jornais-murais, troca de livros e de olhares cúmplices? Quanta dificuldade, também. O curto dinheiro esgotava-se logo e, diante de expectativas dos alunos, o acervo era sempre reduzido. A escola não possuía biblioteca e, quando resolvemos criar uma, obtivemos apenas livros de segunda mão, sem interesse, que provavelmente atrapalhavam os doadores em suas casas. Conseguir dinheiro para livros era difícil. Falta-va tanta coisa na escola! Rifas, festas caipiras, fei-

joadas serviam para arrecadar fundos necessários para - absurdo! - desentupimento de banheiros, colocação de vidros em janelas por onde entrava água quando chovia, giz e outras coisas mais que o Estado não oferecia, sem que pudessemos reclamar. "Criem", "Inventem soluções", diziam empertigados burocratas das delegacias de ensino, quando tomávamos coragem e íamos a eles. "E não reclamem para os pais, que isto poderá ser subversão". Em outras palavras, "Virem-se", é o que nos diziam - os cursos de licenciatura não nos ensinavam que, na sociedade de classes, a educação popular é entendida, pelas elites, como concessão. Falavam-nos, eles também, apenas em criatividade e, ironia, legislação e funcionamento do ensino de primeiro e segundo graus.

Mas tinha de haver um jeito, ora se tinha! Alguns sussurros que escapavam na Universidade indicavam isso. Eram tênues, hesitantes, mas suficientemente fortes para alertar-nos da existência de caminhos. Além disso, em um canto ou outro do espaço social articulavam-se falas e ações de inconformados, categoria que jamais deixos de ser registrada na História, mesmo sob as mais adversas condições.

Em 72, apareceu o livro de Ecléa Bosi sobre as "Leituras de Operárias". Foi uma revelação. Ao mesmo tempo que desfazia minha inocência de recém-formado, abria-se como uma seara a ser explorada em profundidade. Não eram somente as operárias que não chegavam ao livro, por suas condições de classe. O estigma, percebia eu, projetava-se para seus filhos, mesmo se eles, diferentemente de suas mães, iam para escolas como aquela em que eu dava aulas. Encontrei o meu tema!

Porém, necessitava de recursos para desenvolver meu achado: a leitura e a vida social. Foi quando surgiu a possibilidade de ir para a França, lecionar Língua e

Literatura na Universidade de Bordeaux III, na qualidade de "leitor" brasileiro do Departamento de Português. Fui, claro. Lá havia um centro de pesquisas voltados para o estudo das vinculações existentes entre Leitura e Sociedade, dirigido por Robert Escarpit, nome privilegiado na bibliografia do estudo de Ecléa Bosi. O ILTAM (Institut de Littérature et de Techniques Artistiques de Masse) era a fonte onde eu queria beber. Bordeaux seria fundamental para meu tema.

Na França, dividi meu tempo entre a docência na Faculdade de Letras (Língua Portuguesa, Literatura e Civilização Brasileiras) e os estudos na biblioteca do ILTAM e no UPTEC (Unité Pluridisciplinaire de Techniques d'Expression et de Communication), onde funcionava um curso de Mestrado em Ciências da Informação e da Comunicação. Dentre as várias opções de áreas de estudo, optei pela área "Livro". Foram dois anos de estudos regulares sobre um tema que me envolvia completamente: leitura e vida social. Passava tardes e mais tardes lendo, fichando, interrogando livros, pesquisas, artigos de revistas, toda a extensa bibliografia que a biblioteca única do ILTAM me oferecia. Aproxima-me afoitamente de pesquisadores como Nicole Robine que, juntamente com Escarpit, havia realizado anos atrás uma pesquisa pioneira sobre a leitura na França ("Le livre et le conscrit") ou, ainda, Marc Soriano, conhecido mundialmente por seus trabalhos com a leitura e a literatura infanto-juvenil.

No curso de Mestrado, seguia atento aulas como a de Escarpit, onde o mestre, valendo-se de ensinamentos de variadas procedências - sua vasta cultura literária, seu conhecimento da problemática leitura a nível inter-

nacional, sua postura face à Teoria Matemática da Informação ajudavam muito - polemizava com McLuhanismo, cujos pressupostos levavam a civilização gutembergueana ao decrédito. Atento à História, Escarpit colocava em questão posturas metodológicas que privilegiavam a luta de técnicas na explicação dos fenômenos da comunicação e da cultura.

Robert Estivals ofereceu, também, um curso que ressoou forte - o de Bibliologia Geral. O livro e a leitura apareciam tratados no bojo das transformações sociais que teriam definido suas histórias. Daí a abertura para o estabelecimento de relações, até então não muito claras para mim, entre leitura e sociedade e, sobretudo, leitura e classe social. Opondo-se também à idéia McLuhaniana do impresso como motor das diferentes fragmentações observáveis na vida social, Estivals estabelecia conexões entre história do livro e a da luta de classes, categoria esta responsável pelos destinos do livro e da leitura nas sociedades ocidentais, bem como eixo desencadeador das várias contradições existentes no mundo capitalista. Mais que um simples curso, Estivals colocava à prova uma questão metodológica.

Nicole Robine ocupou-se do leitor, conforme indicava o título de seu curso: "O público do livro e da documentação". Da revisão de pesquisas sobre o tema - tive oportunidade de oferecer, então, um seminário sobre o livro de Ecléa Bosi, extremamente bem recebido por colegas e pela própria Robine, nome citado na bibliografia da brasileira -, o curso caminhou para a observação e discussão de problemas referentes às bibliotecas públicas, escolares, de fábricas e seus usuários. Tratava-se de estudar a relação de diversos segmentos sociais com a cultura e, em particular, com a leitura. Importante: falou-se, ainda, dos problemas da relação entre circuito de distribuição e público (livrarias,

bancas de jornas, etc.) e da formação do pessoal que faz a mediação entre o livro e o leitor: bibliotecários, professores, animadores culturais, entre outros. A promoção da leitura, além dos problemas gerais de política cultural, passava também pela existência de profissionais capazes de enfrentar seus propósitos de modo adequado e crítico, sem o que muitas ações estavam, por princípio, destinadas ao malogro.

As informações obtidas em salas de aula e na biblioteca do ILTAM puderam ampliar-se, através de duas outras oportunidades, oferecidas pelo IUT (Institut Universitaire de Technologie), da Universidade de Bordeaux III: o "Curso Público", de Marc Soriano, sobre literatura e leitura infanto-juvenis; o estágio em Paris e Bruxelas sobre a edição e a difusão do livro.

Marc Soriano, durante um ano letivo, colocou-nos a par dos problemas referentes à leitura infanto-juvenil. Tivemos a oportunidade de ver discutida exaustivamente a questão, com ênfase na atuação das bibliotecas e da escola. O problema do acesso, todavia, era sempre associado ao da escolha do material de leitura: o que ler? Soriano defendia o princípio da leitura como um ato significativo, de ressonâncias profundas - sua formação em psicanálise ajudava nisto -, e não apenas como um ato mecânico que vale por si mesmo. O ponto de partida psicanalítico levava a conclusões semelhantes às de Freire, que partira de outras perspectivas e que exercia em mim, grande influência, sobretudo na volta ao Brasil, quando pude deter-me mais nas implicações de tal compreensão da leitura na sociedade brasileira.

A perspectiva adotada por Soriano exigia conhecimento de livros infantis. Entrei em contato com a bibliografia fornecida e isso produziu um enorme espanto. Os

alunos deixados na periferia de São Paulo teriam um dia acesso a publicações da qualidade das que eu via? Além de belos textos - claro, havia a seleção prévia de Soriano - os livros continham fartas ilustrações coloridas, aplicadas sobre papel "couché" de primeira qualidade, capa dura e outros requintes que, se os tornavam extremamente ricos, os tornavam inviáveis em países do Terceiro Mundo, por falta de mercado consumidor em condições de pagar seu alto preço. Perguntas, muitas perguntas colocavam-se para mim naquele curso extremamente valoroso, ao enfrentar, sobretudo, as questões dos conteúdos dos livros infanto-juvenis.

O estágio em Paris, e em Bruxelas, colocou novas dúvidas, ao mesmo tempo que ensinou muito. O contato estreito com a rede do livro no Primeiro Mundo mostrava-me coisas difíceis de serem imaginadas por quem, como eu, vinha das agruras do Terceiro Mundo. Bibliotecas infantis e de adultos especialmente equipadas e concorridas, livrarias especializadas, com atividades de animação cultural criteriosamente planejadas - lembro-me de uma infantil excepcional, próxima ao "George Pompidou", então em construção, cujo projeto nos foi minuciosamente explicado por um dos encarregados - editoras, como a Seuil, com propósitos editoriais desafiadores, ou como a Larousse, com equipes de alto nível preparando o "Petit Larousse Illustré". Conhecer por dentro essa complexa engrenagem era um mergulho na utopia que, se fascinava, colocava também questões difíceis de serem resolvidas no sotaque estrangeiro das inúmeras mesas-redondas, palestras e conferências de que participei. Que distância entre os quatro fantásticos andares da livraria de Lille, no caminho para Bruxelas, e os poucos cruzeiros obtidos com os alunos do ginásio estadual para a compra de livros não muito caros! Estava aturdido. Precisava de tempo para pensar. Além da sociedade de classes, havia a "Dependência". E para discutir o tema, faltava vocabulário para franceses e belgas. Terminado o ano letivo, voltei ao Brasil.

Nessa época, fui dirigir uma escola de primeiro e segundo grau, em Parnaíba, Piauí. Precisava ver, experimentar, saber mais acerca da realidade do País. Precisava, também, de tempo para filtrar informações do Primeiro Mundo (de primeira mão) e realizar minha antropofagia da forma mais eficaz possível. Além do trabalho próprio de um diretor de escola, aproveitei para organizar uma biblioteca escolar com recursos da empresa que sustentava economicamente o estabelecimento de ensino. Feliz achado, na opinião de alunos e professores, que dela passaram a se utilizar com entusiasmo. Aproveitei, também, para realizar uma pesquisa sobre hábitos culturais de professores licenciados da cidade. Realizei entrevistas abertas de, aproximadamente, duas horas com cada um dos aproximadamente cinquenta em atuação nas escolas de Parnaíba. Se, de um lado, apreendi muito, por outro pude verificar a extensão que tinha um projeto de trabalho preocupado com o problema da leitura na sociedade brasileira. Não se tratava apenas de estreita preocupação pessoal, nem tampouco de interesse voltado apenas para problemas dos centros privilegiados no processo de avanço capitalista no Brasil. As vozes de meus entrevistados eram inequívocas e deixaram em mim marcas definitivas. Um deles, que havia cursado matemática em Brasília, disse-me que estava cansado de ver a vida somente através das páginas dos jornais que conseguiam chegar a Parnaíba. Sabia que o mundo não cabia apenas em jornais amanhecidos...

Deixei Parnaíba em 77. Em 78, estava inscrito no Mestrado da Escola de Comunicações e Artes da USP, para, desta vez, realizar minha dissertação e caminhar, rapidamente, para a tese de doutoramento. De 1978 a 1980,

realizei os cursos exigidos pela Universidade e, em 1984, defendi dissertação sob o título: "A crise do discurso utilitário - contribuição para o estudo da literatura brasileira para crianças e jovens".

Nesse trabalho, estudei as transformações ocorridas na literatura brasileira para crianças e jovens, a partir dos anos 70, valendo-me da distinção entre "discurso utilitário" e "discurso estético", distinção necessária para marcar uma posição face à literatura para crianças e jovens, ou, mais amplamente, para marcar uma postura face à cultura. Preocupou-me, sempre, a visão pragmática que a sociedade brasileira tinha - e tem - da leitura das faixas infanto-juvenis. Acredito que um projeto cultural democrático não pode realizar-se a partir dos mesmos pressupostos que orientam ações de difusão cultural, visando à aceitação de modelos sociais pré-fixados. Acolher o "discurso utilitário" como padrão da criação literária para crianças e jovens significa acatar um padrão cultural largamente utilizado pela cultura burguesa, desde o século XVIII, quando a literatura para crianças e jovens emergiu com as características que hoje conhecemos: ou seja, narrativa impressa, criada por adultos para o público infanto-juvenil. Significa, em outros termos, aceitar que a cultura seja a expressão dos interesses de grupos dominantes, em prejuízo dos grupos que não tem acesso ao aparelho de produção. Significa aceitar a fragmentação dos papéis sociais: uns são criadores, outros, meros consumidores.

A pergunta de fundo era, portanto, o que ler? Aprendeu-se, como já disse antes, que tal nível do problema não se desvincula, para mim, do outro, motor verdadeiro de minhas buscas: o acesso à leitura.

Por isso, se necessitava conhecer o universo das leituras infantis, através de um trabalho sistemático que me conduziria à realização de uma dissertação à qual foi conferida nota máxima, com distinção e louvor, pela banca que a examinou (Prof. Dr. Eduardo Peñuela Canizal, Profª Drª Fúlvvia Rosemberg, Profª Drª Sarah Chucida Viã, a orientadora), por outro lado, não podia descuidar da reflexão sobre a problemática da leitura na sociedade brasileira, vista sobretudo a partir da situação em que se encontrava no Brasil a leitura de crianças e jovens.

Daí, ter desenvolvido, paralelamente às atividades do curso de mestrado, intensa atividade que permitia a reflexão sobre a problemática do acesso à leitura, além de permitir atuação direta nesse campo. Mas disso falarei mais tarde. Por enquanto, interessa apenas registrar a concomitância da formação acadêmica com a participação em seminários, congressos, conferências; a atividade regular da crítica de livros infanto-juvenis no jornal "O Estado de São Paulo" e em outros veículos; o emprego em Biblioteca Pública; a criação de boletim bibliográfico de literatura infanto-juvenil, dirigido a bibliotecários, professores e educadores em geral; as atividades da criação e direção de uma coleção de livros infanto-juvenis que marcaria um lugar privilegiado na produção editorial brasileira destinada a crianças e jovens; a publicação de artigos e ensaios que, segundo depoimentos, trazia elementos novos à discussão dos temas neles propostos.

Em 1983, apresentei-me à seleção pública de professor para a disciplina "História da Literatura", do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP. Fui movido, em primeiro lugar, por minha experiência com a literatura e com o trabalho em Biblioteca, de uma lado;

de outro, claro, por minha experiência como professor universitário: de volta a São Paulo, estava, desde 1978, na Faculdade de Comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior, onde lecionava "Teoria da Comunicação". Em segundo lugar, meu interesse se prendia ao fato de ver na USP um pólo irradiador. O ensino da biblioteconomia aí realizado poderia repercutir em outras escolas brasileiras, atingindo, assim, um dos principais agentes da difusão da leitura: o bibliotecário. Em terceiro lugar, apresentei-me porque via na USP possibilidade de conseguir tempo remunerado para pesquisa, meio de ação que me parece decisivo na tentativa de resoluções dos problemas culturais que nos afetam. Dentre os candidatos que se apresentaram, fui o escolhido.

Com a mudança de currículo do curso de Biblioteconomia, fui designado, por minha experiência profissional e por meus interesses científicos, para fazer parte do grupo de professores do departamento que se ocupariam da disciplina "Biblioteca e Sociedade", entendida como área de estudo e pesquisa a ser desenvolvida no Departamento, tanto a nível de graduação como de pós-graduação. É dentro de tal perspectiva que preparo tese de doutoramento sobre "Leitura e Sociedade", devendo aprontá-la até o final do próximo ano.

A PROPÓSITO DE REUNIÕES CIENTÍFICAS E ATIVIDADES DIVERSAS DE DIFUSÃO CULTURAL

Acredito que a coordenação de alguns encontros sobre a temática de que me ocupo tenha sido dos trabalhos mais importantes realizados após minha volta para São Paulo, em 1978, paralelamente ao trabalho docente e de pesquisa. Tais eventos tiveram amplitude nacional e internacional, reunindo pesquisadores brasileiros e estrangeiros, bem como estes a profissionais voltados a práticas culturais, como bibliotecários, animadores culturais, professores e outros.

Encaminhei propostas de temário para os Seminários Latino-Americanos de Literatura Infantil e Juvenil, realizados durante a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 1982 e 1984. Elas foram aceitas por unanimidade e, junto com os demais coordenadores desses encontros, realizei tarefa de organização própria a tais ocasiões. Em 1982, discutiu-se "Literatura Infanto-Juvenil e Ideologia"; em 1984, "Literatura Infantil e Juvenil na Escola".

Em 1985, organizei e coordenei o "II Seminário Leitura & Sociedade", realizado no Anfiteatro da USP e promovido pelo Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP. O tema do Seminário Latino-Americano de 1984 foi retomado e ampliado, incluindo a biblioteca como centro de preocupação, ao lado da escola. "Leitura e Literatura Infantil e Juvenil: a Biblioteca e a Escola" foi questão debatida por pesquisadores brasileiros, juntamente com a presidente da Associação Internacional de Pesquisadores em Literatura Infanto-Juvenil, Prof^ª Dr^ª Denise Escarpit, da Universidade de Bordeaux, cuja vinda ao Brasil eu promovera, a fim de que ela

participasse de encontros em cidades brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Belo Horizonte. Buscava com isso, além da discussão propriamente dita, colocar pesquisadores brasileiros em contato com uma entidade que reúne pesquisadores do mundo todo, pois nossa produção teórica na área sofre de desconhecimento generalizado dos resultados de trabalhos realizados a nível internacional. Sem tal conhecimento, acredito que a ciência tende a estagnar, os debates a tornarem-se repetitivos e as soluções a não serem encontradas. As adesões a este e aos demais Seminários - 1500 pessoas entre os três aproximadamente - parecem refletir a importância dos acontecimentos, bem como o acerto na escolha dos temas.

Por entender a importância das instituições Biblioteca e Escola na promoção da leitura entre nós, não hesitei nunca em participar também de seções diversas em que se discutiria o assunto, como poderá ser visto no item Seminários, Congressos, Palestras, Conferências, etc. (o item 3.4 da segunda parte deste memorial). Percebo tais reuniões como forma necessária à aproximação viva e dinâmica - não exclusiva, está claro - da Universidade com a sociedade. Além disso, acredito que o estudioso tem muito a aprender com a experiência cotidiana de pessoas que, por falta de condições, não dominam a linguagem científica, mas possuem vivências capazes de, muitas vezes, questionar com propriedade afirmações ou conclusões nascidas na Universidade. Sendo direto: jamais acreditei no pesquisador "puro", ainda que acredite no rigor exigido pela ciência. Por outro lado, não vejo incompatibilidade entre rigor e difusão ampla da ciência. Evidentemente, há sempre riscos a serem corridos, limitações às vezes intransponíveis, mas, ainda assim, parece-me que são válidas tentativas de difusão científicas para um público cada vez maior.

Por tal razão, o item Resenhas (3.5.3) aparece, também, com um extenso número de publicações em jornal de grande circulação e de alcance nacional. Apesar do ônus que uma crítica de livro infanto-juvenil, feita em média a cada quinze dias, representa - há que escolher o livro, dentre enorme massa de publicações, ler, refletir sobre ele, preparar as laudas, ir até o jornal para entregar a matéria -, vejo nisso um espaço de informação e reflexão que contribui para a constituição de acervos para crianças e jovens, de um lado; de outro, para o levantamento de questões que a vivência universitária propicia e que nem sempre chega rapidamente a bibliotecários, professores, animadores culturais e outros. A experiência com o BIBLI - Boletim Informativo Bibliográfico de Literatura Infantil e Juvenil deixou-me uma certeza semelhante às recomendações feitas por Gramsci a jornalistas: fornecer informações criteriosas, mesmo se simples, a mediadores existentes entre o livro e o leitor é atitude da maior importância, sobretudo em sociedades como a brasileira, onde os próprios trabalhadores culturais sofrem de graves carências a respeito das conquistas obtidas em suas respectivas áreas de atuação. Poder falar a um público como o da Revista Nova Escola, estimado em aproximadamente 300.000 por edição, é recurso que julgo excepcional e de que não pretendo abrir mão facilmente, ainda que tenha de trabalhar bastante na adaptação da linguagem universitária a outros parâmetros lingüísticos. Se, por exemplo, nossas bibliotecas tivessem se preocupado com a adequação dos serviços de referência à realidade de seus usuários, acredito que muitas delas estariam mais povoadas, permitindo o acesso a informações de primeira mão. Em 1972, Ecléa Bosi já chamava a atenção para a dificuldade da escolha de leitura, sentida pelas operárias que entrevistou. Por falta de informações, compravam o que lhes caía nas mãos, gastando o pouco que tinham com livros que a indústria cultural lhes oferecia nas portas

das fábricas, mas que pouco ou nada acrescentavam às suas existências, segundo depoimentos das próprias operárias. A vontade de conhecer era muita, mas faltava orientação no momento de gastar, em livros, o suado dinheiro.

Das publicações destinadas a públicos especializados (3.5.1), tenho preferência especial pelo "Prefácio" a O imaginário poder: as crianças e a literatura fantástica, de Jacqueline Held; pelo artigo "...mas as crianças gostam!"; e por um ensaio que abre a coletânea: A produção cultural para crianças, intitulado: "A criança e a produção cultural: apontamentos sobre o lugar da criança na cultura". Acredito que todos eles contêm elementos que permitem avançar na reflexão das questões culturais envolvendo os segmentos infanto-juvenis.

No "Prefácio", coloco em questão a insistência da abordagem da literatura infanto-juvenil a partir de considerações sobre os "efeitos" da leitura. Tal atitude, semelhante à de estudos funcionalistas da comunicação de massa, deixa de considerar um dado essencial do problema, que é o do "lugar" da produção do discurso. As relações desiguais de poder entre o adulto, articulador do discurso, e a criança, seu destinatário, não são postas em questão. Sendo assim, insistir em tal postura metodológica significa cumplicidade com a dominação, mesmo se as intenções do pesquisador não sejam dessa ordem. Uma sociedade como a nossa tem interesse em promover tal discurso, pois não deseja preocupar-se com a alteração do estatuto da criança que, como os velhos, os loucos, os inutilizados, não produz.

O "Prefácio" é curto e apenas coloca os dados. Mas pode render muito nas mãos de quem souber ler suas entrelinhas.

O texto "...mas as crianças gostam!" foi preparado para o I Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1979 (3.4.5). Problematizando uma afirmação corrente nos meios que lidam com a produção cultural para crianças e jovens - "...mas as crianças gostam!" -, o artigo coloca novamente uma questão de método. Se a categoria do destinatário necessita aparecer como um dos elementos estruturadores das abordagens voltadas ao estudo da produção cultural para crianças, ele não pode ser utilizado da forma como vem sendo feita e que, mais uma vez, esconde o "lugar" da produção do discurso, ao esconder o verdadeiro sujeito de enunciados do tipo "...mas as crianças gostam". Utilizar fórmulas como essa significa tentar manipular o interlocutor, valendo-se da criança cujo gosto (critério de avaliação) não sofreria determinações históricas. Ariès já mostrara como o "bon sauvage" não passava de construção ideológica de uma sociedade que, como nenhuma outra, reduzira a infância a aventura mesquinha, ao confiná-la em espaços privados, codificados rigidamente por adultos ciosos de sua posição de classe. Sendo assim, aceitar o gosto infantil como categoria exclusiva em torno da qual erigir-se-iam abordagens para o estudo da produção cultural para crianças, significa fornecer justificativas para a manutenção do estado de confinamento que, progressivamente, desde o século XVIII, acompanha a criança nas sociedades ocidentais.

Em "A criança e a produção cultural" procuro discutir como tal confinamento se dá na sociedade brasileira, após o processo de modernização capitalista, ocorrido

nas últimas décadas, tentando com isso explicar o incremento recente da produção cultural para crianças no País. O ensaio valeu citação e rodapé lisonjeiro em tese de doutoramento: "(o autor) destaca-se como um dos primeiros estudiosos da Literatura Infantil, do ponto de vista da cultura, em geral, e da cultura brasileira em particular" (Francisca Nóbrega, O pássaro da infância: vôo semiológico, repouso poético. Tese de Doutorado apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Letras da UFRJ, p.125). A conclusão do ensaio alerta para o processo criado pelo desenvolvimento capitalista dependente: a concentração populacional nas grandes cidades reduziu espaços livres essenciais à cultura dos grupos infantis, como já o demonstrou Florestan Fernandes na década de 50. Por outro lado, a nova ordem social, pela absorção da mulher ao processo produtivo, obriga a mudanças nas relações familiares: as crianças urbanas devem ir para a escola cada vez mais cedo. Tal fato não se constituiria em problema, caso elas não perdessem a possibilidade de continuarem experimentando relações grupais semelhantes às da situação anterior. Mas isso não ocorre. Cada vez mais, nas escolas, nas bibliotecas, nos "play-grounds", os grupos infantis estão sujeitos a interferências de adultos na sua organização, o que significa progressiva perda de autonomia, progressiva "infantilização" da criança.

A falta de espaços livres - decorrentes da crescente mercantilização do espaço urbano, da crescente ocupação das ruas pelos produtos da indústria automobilística, ponto de lança da modernização capitalista no Brasil - gera a necessidade de ocupar o tempo. O custo do sistema escolar não permite que o Estado preencha o tempo livre, como pode ocorrer em países situados no centro do capitalismo. Nesse momento atua a indústria cultu-

ral, oferecendo bens culturais para serem consumidos por crianças privadas de espaços de convivência livre, onde os grupos infantis realizavam os ajustes entre as exigências adultas e as necessidades infantis, segundo critérios que obedeciam à organização política do próprio grupo. Desse modo, substituir o espaço real pelo espaço simbólico dos bens culturais significa despolitizar a infância e sua cultura, despolitização que é a expressão de uma opção histórica determinada.

Claro, a participação no sistema escolar, bem como a participação nos produtos da indústria cultural, dá-se de forma diferenciada, segundo as classes sociais. Isso, todavia, não invalida a preocupação com a natureza de um processo que tenta apresentar o consumo cultural como ideal a ser atingido, ainda que a realidade da dependência tenha-se encarregado de mostrar a inviabilidade do projeto. Não se pode, portanto, admitir bens culturais consumidos enquanto substituição das experiências políticas vividas pelas crianças em grupos infantis onde podem exercer sua autonomia. Pode-se, quando muito, admitir relatos que não amorteçam o desejo de tais relações. Relatos que mantenham viva a memória de situações menos autoritárias, sem deixar esquecer que, apesar disso, continuam relatos.

Como se depreende, o ensaio tenta filiar-se a uma linha de abordagem sócio-cultural das manifestações artísticas dirigidas às crianças, posicionamento necessário para quem não deseja pensar questões estéticas divorciadas da vida. A se fiar no generoso comentário de Francisca Nóbrega, o artigo constituiu-se num passo novo dado no País, no que se refere ao estudo da produção cultural para crianças e jovens. Passo novo que, visto de hoje, acredito poder abandonar um certo tom indignado, sem nada perder.

DA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA E DE OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Ao regressar do Piauí, comecei a dar aulas na Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior, onde fiquei até 1985, quando optei pelo regime de tempo integral na Universidade de São Paulo. Em 1983, o Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP realizou seleção pública de candidatos para lecionar História da Literatura, conforme já disse em outra parte deste relato. Admitido, procurei reformular o enfoque dado à disciplina. Segundo minha opinião e a de outros professores do Departamento, o tratamento dado à disciplina não se ajustava aos novos propósitos do curso. Além disso, havia problemas de ordem teórica: literatura vista como sucessão e superação de escolas, cultura como um todo homogêneo e uniforme.

Optei por uma abordagem extraída da Sociologia da Literatura: a relação entre obra literária e seu público. Parecia-me, assim, conseguiria preencher necessidades de formação de futuros bibliotecários. Tentamos limpar o terreno com bibliografia de apoio que alertava para o "sociologismo vulgar", ou seja, para explicações da adesão do leitor apoiadas em esquemas mecanistas que vêem relações de causa e efeito em toda parte. Fechamos o cerco, restringindo-nos ao universo do texto e à sua retórica discursiva. Tratava-se, antes de mais nada, de fazer análise literária. A perspectiva sociológica incubir-se-ia de preencher as necessidades de alunos de um curso de Biblioteconomia.

Paralelamente às leituras teóricas, efetuamos levantamentos em Bibliotecas Públicas na cidade de São Paulo, a fim de conhecermos as preferências dos usuários e, assim, constituirmos o "corpus" a ser analisado. Tivemos, então, oportunidade de trabalhar com extos de Machado, Graciliano, Amado, ao mesmo tempo que com textos policiais, "best-sellers" como Sheldon, novidades como Eco. Foram dois anos de cursos que exigiram leituras intensas, tanto dos alunos quanto do professor, acostumado a padrões textuais que não apareciam nas listas dos mais lidos nas bibliotecas. Claro, havia também Machados, Gracilianos. Todavia, aos futuros profissionais interessavam mais as escolhas "espontâneas" dos usuários que escolhas movidas por obrigações escolares de estudantes que constituíam a maior parte do público das bibliotecas. Talvez tivessem razão! Não abri mão, todavia, de solicitar sondagem que indicasse o nível de atuação da biblioteca no sentido de ampliar repertórios de recepção. Afinal, já não estava em idade de acreditar em espontaneísmo e a experiência me mostrava que era possível despertar para novas opções, sem contudo retirar do leitor o direito de decisão sobre o que ler. A sondagem, todavia, revelou bibliotecários interessados em ampliar repertórios literários, mas incapacitados para isso, por falta de instrumentos de trabalho. No geral, eles conheciam apenas técnicas de orientação ao leitor que desconsideravam as diferenças existentes entre obra literária e não-literária. Nossos alunos saíram do curso entendendo a necessidade de conhecer o conteúdo dos livros, de ler os autores, de refletir sobre eles, a fim de pensarem sobre a importância que teriam para os frequentadores das bibliotecas, onde um dia poderiam trabalhar. Recursos novos de comunicação com os usuários talvez pudessem brotar assim, de forma menos artificial. Tenho a impressão de que a experiência lhes foi útil.

Lecionei, também, em 1985, "Sociologia da Leitura". Não se tratava mais de investigar processos narrativos, mas de discutir a problemática da leitura na sociedade brasileira. Lemos e discutimos trabalhos atinentes à área, tanto os que tratavam dos hábitos (ah, palavra ingrata!) de leitura, quanto os que refletiam sobre o significado social da leitura. Como essa disciplina envolve questões culturais complexas, procuramos estudar autores preocupados com a problemática da cultura numa perspectiva ampla, seja sob o ponto de vista da política (Hannah Arendt - "A crise da cultura"; Paulo Freire - "Ação cultural para a liberdade"); da psicanálise (Freud - "O mal-estar na civilização"); ou da linguagem (Barthes - "A aula"); diferentes filiações teóricas ajudaram na criação de perplexidades, oferecendo ricos confrontos de idéias e posições que conseguiram movimentar as turmas na busca de leituras complementares que sempre enriqueceram discussões.

Junto a isso, foi feito levantamento para elaboração de uma bibliografia brasileira sobre leitura, ficando cada aluno responsável pela leitura e fichamento de um conjunto de textos. O levantamento envolveu bibliotecas da cidade de São Paulo, além da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A normalização dos dados será feita neste semestre, junto com professor da disciplina "Bibliografia".

O novo currículo do curso de Biblioteconomia alterou o quadro de disciplinas do Departamento. Assim, conteúdos como os que acabei de relatar, sofreram algumas alterações e incorporaram-se à disciplina de "Biblioteca & Sociedade", para a qual fui designado, juntamente com outros professores do Departamento. Neste ano, paralelamente à regência de tal disciplina, deverei ocupar-me, também com outros colegas, do estágio supervi-

sionado em Bibliotecas Públicas e Escolares que alunos do Departamento já começaram a realizar. O curso passa por uma fase de grandes transformações que, além da mudança curricular, pretendeu reunir professores em torno de projetos comuns de pesquisa, relacionados com áreas definidas para o curso de Pós-Graduação. Numa das áreas, a de Ação Cultural, inclui-se minha pesquisa de Doutorado já em andamento (1.3) que, espero, traga dados novos para a reflexão acerca de questões que envolvem o relacionamento entre Biblioteca e Sociedade, estudado a partir de práticas culturais de leitura.

Meu tema levou-me a trabalhar no Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis do Município de São Paulo, em 1979, na Secção de Bibliografia e Documentação, sem prejuízo, contudo, de minhas atividades docentes e de pesquisa.

A Biblioteca Pública mostrou ser um espaço privilegiado para a avaliação de iniciativas do Estado no campo da cultura. Mais que na Escola Pública, foi na Biblioteca que pude perceber o papel desempenhado pela burocracia, enquanto guardiã dos interesses das iniciativas culturais dos diferentes grupos que controlam o aparelho do Estado. Pude vivenciar durante os anos de permanência na Instituição, as relações tensas criadas pela burocracia, que não admite ações de agentes culturais, como bibliotecários, arte-educadores, animadores culturais diversos, cujas premissas não correspondem às dos grupos do poder. Pude, enfim, perceber que, apesar da energia gasta pelos tecnocratas para tentar controlar os conflitos inerentes aos organismos vivos, estes explodem e seu destino depende do modo como se apresentam as relações de força.

Foi na secção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Monteiro Lobato que consegui criar o BIBLI, Boletim Bibliográfico de que já falei. O projeto previa um número trimestral, arrolando toda a produção literária para crianças e jovens aparecida no período. Com recursos da Secção, elaborei, com colegas, o número zero. As pessoas que o receberam aplaudiram a iniciativa; muitas se manifestaram por escrito. Com isso, recebemos verba da Administração para continuar o trabalho. Após o número dois, os problemas começaram a surgir. Pessoas com acesso direto às cúpulas administrativas do Departamento - entre elas, soube depois, uma escritora - foram reclamar de opiniões desfavoráveis emitidas pelo redator do Boletim em resenhas de livros de autores pertencentes ao círculo de amizades dos reclamantes. Como eram pessoas também com acesso direto à Secretaria de Cultura, segundo o administrador do Departamento de Bibliotecas, seria necessário evitar que as reclamações chegassem à Secretaria. As pressões foram crescendo, de pouco valendo o reconhecimento público do Boletim, premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte, no ano de seu aparecimento, na categoria de "Publicação Especializada". Apesar de tudo, o trabalho ia sendo feito, até que uma determinação desferiu-lhe um golpe fatal: o Boletim deveria ser submetido à apreciação da chefia da Biblioteca, antes de ir para a gráfica. Demiti-me e o BIBLI não saiu mais. Era o ano de 1981. Como outros trabalhos iniciados, que não puderam ser levados adiante (elaboração de projetos globais de incentivo à leitura na Biblioteca), também este, que ainda justificava minha presença ali, estava impossibilitado de continuar nos termos em que começara. Logo, como frequentemente ocorria com pessoas que não aceitavam pautar-se pelos caminhos dos representantes do Estado, devia procurar outras formas de atuação.

Em 1983, a Administração mudou, em decorrência das eleições em São Paulo. A nova Administração convidou-me para retomar o trabalho deixado, garantindo inteira liberdade de ação. Aceitei, refiz planos, comecei a trabalhar.

Fui designado para integrar a Comissão de Seleção do Acervo da Rede de Bibliotecas. Pude, junto com companheiros, eliminar a censura a obras que a Administração precedente impedia de entrar na biblioteca. A tradição era longa e, quem conhece um pouco a história das bibliotecas no Brasil, sabe que esta sempre foi uma prática que zelosos administradores exerceram com cuidado, embora muitas vezes sem muito sucesso. Os critérios alegados na biblioteca infantil referiam-se sempre à preservação de interesses da criança. Conhecia, contudo, a procedência de tal discurso e, desse modo, assim que a nova comissão instalou-se, acabamos com a antiga e infeliz tradição.

Na Comissão, pude, também, questionar seu próprio tecnocratismo que, em nome de conhecimentos técnicos (pude, depois, verificar que não eram nem tão técnicos, nem tão conhecimentos) atribuía a si mesma a definição de acervos e não às bibliotecas espalhadas pela cidade e a seus usuários. Feito o questionamento, a escolha de títulos passou a obedecer, em primeiro lugar, às indicações fornecidas pelos bibliotecários das diferentes unidades, que as recolhiam junto a seus usuários. Além disso, as reuniões da Comissão passaram a ser abertas e anunciadas a todos os interessados, a fim de que uma participação maior ajudasse na constituição de acervos mais condizentes com as necessidades dos leitores.

Enquanto as mudanças referiam-se a alterações políticas de alcance interno, o trabalho andava. Várias outras mudanças foram feitas, com minha participação junto da diretoria do Departamento. Todavia, onde estava o dinheiro para imprimir o Boletim, já com dois números prontos e engavetados - na nova fase, ele seria semestral -? Não havia. Só apareceu em 1985, quando já havia decidido aceitar a possibilidade que a USP proporcionava de dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa. Havia muita experiência a ser sistematizada e discutida em salas de aula. Havia muita reflexão aprofundada a ser traduzida em trabalhos que necessitam de certo recuo para serem executados. Além disso, a boa vontade da Administração não conseguia esconder um fato de que a falta de verbas para a publicação do Boletim não era senão um minúsculo exemplo: o voluntarismo - que eu próprio adotara há muito tempo, por ingenuidade estudantil, na distante periferia de São Paulo - continuava sendo política do Estado, só que sob novas formas. Estas, todavia, não conseguiam encobrir velhas opções históricas liberais.

Eis aí um tema dos mais importantes a ser explorado pela disciplina Biblioteca e Sociedade.

1 T Í T U L O S A C A D Ê M I C O S

1.1 LICENCIATURA

Em Letras (Português-Francês). Curso iniciado em 1968 e concluído em 1971, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1

1.2 MESTRADO

Em Ciências da Comunicação. Defesa da dissertação, em dezembro de 1984, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob o título "A crise do discurso utilitário - contribuição para o estudo da literatura brasileira para crianças e jovens". Banca: Prof. Dr. Eduardo Peñuela Canizal; Profª Drª Fúlvia Rosemberg; Profª Drª Sarah Chucid Da Viá. Resultado obtido: 10 (dez) com distinção e louvor.

2

1.3 DOUTORAMENTO (Em andamento)

Em fase de elaboração, tese de doutoramento sob o título: "Relendo os hábitos de leitura - Projetos latino-Americanos de incentivo à leitura".

3

2 CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

- 2.1 MESTRADO NO PAÍS
(UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ECA)
- 2.1.1 Pesquisa Empírica Quantitativa em Comunicação
Profª Drª Sarah Chucid Da Viá (1978) 4
- 2.1.2 Literatura Infanto-Juvenil
Profª Drª Fúlvia Rosemberg (1978) 5
- 2.1.3 Comunicação e Vida Social
Profª Drª Ecléa Bosi (1978) 6
- 2.1.4 Processos Psicodinâmicos da Publicidade e
Propaganda
Prof. Dr. Modesto Farina (1978) 7
- 2.1.5 Comunicação Intercultural
Prof. Dr. Egon Schaden (1979) 8
- 2.1.6 Problemas Humanos no Trabalho
Profª Drª Sylvia Leser (1979) 9
- 2.1.7 Estudos de Problemas Brasileiros
Coord. Prof. Dr. Clóvis Garcia (1979)
Obs.: Os cursos referentes a 2.1.3 e 2.1.6
foram seguidos no Instituto de Psicologia da
USP. Todos os demais foram feitos na Escola
de Comunicações e Artes da mesma Universida-
de. 10
- 2.2 MESTRADO NO EXTERIOR
- 2.2.1 Le public du livre et de la documentation
Profª Nicole Robine 11

2.2.2	Bibliologie Générale Prof. Robert Estivals	12
2.2.3	Sociologie de la Communication Prof ^ª Anne-Marie Thibault-Laulan	13
2.2.4	Théorie de la Communication Prof. Robert Escarpit Obs.: Todos os cursos foram seguidos na Universidade de Bordeaux III - UPTEC, França, dentro do programa de Mestrado em Ciências da Informação e da Comunicação, opção "Livro", durante o ano escolar de 1974/1975. Além desses, foi seguido, como curso complementar:	14
2.2.5	Littérature de Jeunesse et son public Prof. Marc Soriano. Curso público, organizado pelo I.U.T. (Institut Universitaire de Technologie) da Universidade de Bordeaux III. (1974/1975)	15
2.3	DOUTORAMENTO (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ECA)	
2.3.1	Política Cultural, Práticas Culturais e Centros de Cultura. Prof. Dr. José Teixeira Coelho Neto	16
2.3.2	Indústria do livro num país oral Prof ^ª Dr ^ª Jerusa Pires Ferreira	17

3	A T I V I D A D E S C I E N T Í F I C A S	
3.1	PESQUISA	
3.1.1	"A crise do discurso utilitário: contribuição para o estudo da literatura para crianças e jovens no Brasil". São Paulo, 1984. Diss.(Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. (V.1.2)	18
3.1.2	"Hábitos e aspirações culturais dos professores licenciados de 1ª e 2ª graus de Parnaíba". Entrevistas abertas, realizadas com todos os professores licenciados de Parnaíba, Piauí, de fevereiro a junho de 1977. (Não tabuladas)	19
3.1.3	"O teatro amador no Estado de São Paulo". Tabulação de pesquisa promovida pelo Centro de Estudos Transdisciplinares de Comunicação.	20
3.1.4	"Primeiras manifestações da produção cultural para crianças e jovens no Brasil. Bibliografia anotada. (Literatura, Imprensa, Rádio e Televisão)". Coordenador de grupo para elaboração do projeto de pesquisa.	21
3.1.5	"Reprodução ideológica e livro infanto-juvenil". R.bras. Bibliotecon.Doc.12(3/4):167-176, jul./dez.1979. A pesquisa foi realizada para o curso de pós-graduação, ministrado pela Profª Drª Fúlvia Rosemberg (v.2.1.2), na ECA/USP, juntamente com Mirna Pinsky, Márcia Cruz e Cecília Regiani Lopes. (v.3.5.1)	22

- 3.1.6 "Relendo os hábitos de leitura: projetos latino-americanos de incentivo à leitura". Projeto de pesquisa em andamento, tendo em vista a obtenção do grau de Doutor, com término previsto para 1987. 23
- 3.2 ESTÁGIOS
- 3.2.1 No Exterior
- 3.2.2 Estágio em Paris, França; em Bruxelas, Bélgica, organizado pela Universidade de Bordeaux III e Cercle de la Librairie, durante o mês de abril de 1975, objetivando estudos e pesquisa sobre a edição e a difusão do livro na França e na Bélgica. O estágio contou com idas a editoras, bibliotecas, centros de cultura, livrarias, feiras de livros, onde eram realizados trabalhos, palestras, mesas-redondas e encontros diversos, visando colocar os estagiários em contato com diversos aspectos referentes ao livro e à leitura. 24
- 3.3 COORDENAÇÃO DE CONGRESSOS E SEMINÁRIOS
- 3.3.1 Coordenação (membro) do I Seminário Brasileiro de "Produção Cultural para Crianças", promovido pela INTERCOM, em São Paulo. (1981) 25
- 3.3.2 Coordenação (membro) do III Seminário Latinoamericano de Literatura Infantil e Juvenil, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, durante a Bienal do Livro de São Paulo. Tema: "Literatura Infantil e Juvenil e Ideologia". (1982) 26

- 3.3.3 Coordenação (membro) do IV Seminário Latinoamericano de Literatura Infantil e Juvenil, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, durante a Bienal do Livro de São Paulo. Tema: "Literatura Infantil e Juvenil na Escola". (1984) 27
- 3.3.4 Coordenação geral do II Seminário "Leitura e Sociedade", promovido pelo Departamento de Bibliotecnomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Tema: "Leitura e Literatura Infanto-Juvenil na Biblioteca e na Escola". (1985) 28
- 3.4 PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS, SEMINÁRIOS, ENCONTROS, REUNIÕES CIENTÍFICAS DIVERSAS.
- 3.4.1 I Congresso Brasileiro de Literatura, Língua e Lingüística, promovido pelo SEPEP, SBPL e pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (setembro de 1972) 29
- 3.4.2 Seminário de Estudos e Divulgação da Lei Federal nº 5692/72, promovido pela Secretaria de Educação de São Paulo, tendo em vista a reforma do ensino brasileiro de 1º e 2º graus. (dezembro de 1972) 30
- 3.4.3 Seminário sobre Legislação do Ensino de 2º Grau, realizado pela Secretaria de Educação do Estado do Piauí. (1976) 31

- 3.4.4 I Seminário Latino-Americano de Literatura Infantil e Juvenil, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, durante a Bienal do Livro, em São Paulo. Expositor. Trabalho apresentado: "O livro infanto-juvenil como produto social" (em colaboração com Mirna Pinsky, Márcia Cruz e Cecília Regiani Lopes). (agosto de 1978) (v.3.5.1) 32
- 3.4.5 I Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil, promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, no Rio de Janeiro. Expositor. Trabalho apresentado: "... Mas as crianças gostam!" (junho/julho de 1979) 33
- 3.4.6 Ciclo de Estudos de Arte/Educação, promovido pelo Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal de Cultura (outubro de 1979) 34
- 3.4.7 II Seminário Latino-Americano de Literatura Infantil e Juvenil, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, durante a Bienal do Livro, em São Paulo. Expositor. Trabalho apresentado: "A renovação do texto na literatura infantil e juvenil". (agosto de 1980) 35
- 3.4.8 III Ciclo de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, promovido pela INTERCOM, em São Paulo. Expositor. Trabalho apresentado (em conjunto, com Mirna Pinsky): "Getúlio Vargas para crianças: a exceção e a regra." (setembro de 1980) 36

- 3.4.9 IX Congresso Brasileiro de Comunicação Social, promovido pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social, em São Paulo. (Outubro/novembro de 1980) 37
- 3.4.10 I Seminário Brasileiro de Produção Cultural para Crianças, promovido pela INTERCOM, em São Paulo. Organizador do Seminário, Coordenador de Mesa. Debatedor. (maio de 1981) (v.3.3.1) 38
- 3.4.11 X Congresso Brasileiro de Comunicação Social, promovido pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social, realizado em Florianópolis, SC. Debatedor do Painel "Literatura para Jovens." Trabalho apresentado: "A fala reprimida." (out./nov.1981) 39
- 3.4.12 I Encontro de Educadores da Pré-Escola, promovido pelo Centro de Assessoria Técnica e Aperfeiçoamento da Pré-Escola. Expositor do tema: "Comunicação e Literatura" (1982) 40
- 3.4.13 III Seminário Latino-Americano de Literatura Infantil e Juvenil, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, durante a Bienal do Livro, em São Paulo. Organizador, Coordenador de Mesas-Redondas, Debatedor da exposição de Fábio Lucas sobre "Literatura Infanto-Juvenil e Ideologia". (agosto de 1982) (v.3.3.2) 41
- 3.4.14 V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, promovido pela INTERCOM, em São Paulo. (setembro de 1982) 42

- 3.4.15 XI Congresso Brasileiro de Comunicação Social, promovido pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social, em São Paulo. Coordenador de Mesa-Redonda sobre "Direitos da Criança: educação das novas gerações para o exercício da cidadania". (novembro de 1982) 43
- 3.4.16 VI Encontro de Teatro para Infância e Juventude, promovido pela Associação Paulista de Teatro Infantil e Juvenil, em São Paulo. Coordenador de Mesa-Redonda sobre produção cultural para crianças e expositor. (novembro de 1982) 44
- 3.4.17 IV Seminário Latino-Americano de Literatura Infantil e Juvenil, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, durante a Bienal do Livro, em São Paulo. Organizador, Coordenador de Grupo de Estudos. (agosto de 1984) (v.3.3.3) 45
- 3.4.18 Seminário Interno do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, tendo em vista a implantação do novo currículo do curso de Biblioteconomia. Expositor do tema: "Bibliotecas Públicas Infanto-Juvenis". (dezembro de 1984) 46
- 3.4.19 XIV Congresso Brasileiro de Comunicação Social, promovido pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social, em Belo Horizonte. Coordenador de Painel sobre "Produção cultural para crianças e sua contribuição para a paz." (outubro/novembro de 1985) 47

- 3.4.20 I Encontro Paulista do Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação, promovido pela Associação Paulista de Bibliotecários, Faculdades Integradas Teresa D'Avila e Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. (janeiro de 1986)

48

3.5 PUBLICAÇÕES

3.5.1 ENSAIOS, ESTUDOS, ARTIGOS

- 3.5.1.1 "Reprodução ideológica e livro infanto-juvenil". R. bras. Bibliotecon. Doc. 12 (3/4): 167-176, jul./dez.1979 (com a colaboração de Mirna Pinsky, Márcia Cruz e Cecília Regiani Lopes)

Resumo: Estudo de 21 obras de ficção de autores brasileiros, destinadas ao público infanto-juvenil e publicadas no período de outubro de 1976 a setembro de 1977. O discurso aí presente mostra relações desiguais de poder entre o adulto e a criança, tal como ocorre em nossa sociedade, justificando-as apenas por razões etárias. Sua vinculação à indústria cultural concorre para o baixo nível literário observável, além de constituir-se em recurso visando a manutenção da ordem dominante.

49

3.5.1.2 "Getúlio Vargas para crianças: a exceção e a regra." In: Mello, José Marques de - Populismo e Comunicação. São Paulo, Cortez, 1981, (em conjunto com Mirna Pinsky).

Resumo: Análise do livro Getúlio Vargas Para Crianças, publicado durante o Estado Novo pelo DIP, mostrando como o populismo varguista tenta construir uma imagem atraente do ditador, através da manipulação da linguagem que busca, assim, ser também manipulação do leitor infantil. Tal atitude, todavia, não é isolada na produção cultural destinada à criança brasileira de vários tempos. Se o elogio ao ditador é exceção, o modo como o discurso é estruturado é regra nesse tipo de produção que mistura recursos literários à inculcação ideológica.

50

3.5.1.3 "A criança e a produção cultural: apontamentos sobre o lugar da criança na cultura". In. Zilberman, Regina (org.), A Produção Cultural para a criança. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982, p.9-27.

Resumo: Reflexão acerca do significado sócio-político das preocupações atuais com a questão da criança e da produção cultural a ela dirigida. Tais preocupações seriam motivadas pelas novas condições criadas pelo avanço do capitalismo no país, o qual, retirando espaços tradicionais onde grupos infantis criavam cultura-ruas, quintais, áreas livres - oferece-lhes, como substituição, produtos culturais a serem consumidos, esvaziando o caráter político amplo das relações culturais vividas nos grupos infantis tradicionais. Assim, pensar a produção cultural para crianças criticamente, é pensá-la em suas vinculações com o sistema social amplo, caso contrário corre-

mos o risco de, em nome do "bom" produto cultural, justificarmos a situação de consumidor cultural a que foi levada a criança.

51

- 3.5.1.4 "Boom ou tentativa de legitimação". IN: Boletim INTERCOM, 40: p.31-32, nov./dez.1982.

Resumo: O discurso sobre "boom" da literatura para crianças nos anos 70, no Brasil, estaria servindo como recurso para encobrir a falta de espaços públicos onde a criança cria sua cultura em grupo, exercendo atividades políticas que o consumo cultural não permite. Visto nesta perspectiva, o "boom" é autoritário e anti-democrático.

52

- 3.5.1.5 "... mas as crianças gostam!" IN: Khêde, Sônia Salomão (org.) - Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico. Petrópolis, Vozes, 1983, p.65-72

Resumo: Reflexão acerca dos critérios utilizados para a crítica dos livros infanto-juvenis. Na falta de um instrumental teórico coerente e consistente, os mediadores existentes entre o livro e a criança lançam mão de critérios variados para justificarem textos de que eles próprios gostam, mas que muitas vezes não acrescentam quase nada ao universo infantil. O mais comum dos argumentos é: "mas as crianças gostam!" Todavia, o gosto infantil não é "natural", mas condicionado por uma série de componentes históricos. Por isso, não pode ser critério absoluto da aferição do valor de uma obra, ainda que deva ser um dado considerado.

53

3.5.1.6 "La représentation de l'enfant dans la littérature brésilienne pour la jeunesse." ESCARPIT, Denise (org.). München, New York, London, Paris, K.G. Saur, 1985. p.61-69

Resumo: Três formas de representação da infância podem ser observadas na literatura brasileira para crianças e jovens: a infância como "vir-a-ser" como "idade de ouro"; como "transitivo-intransitivo". Todas três correspondem a determinadas concepções sociais da criança e encontram seguidores entre os escritores brasileiros que se ocupam dessa faixa etária. Todavia, tais representações não servem como critério para o agrupamento valorativo de obras literários na medida em que o talento de cada escritor atua sobre a concepção social da criança contida em sua obra.

54

3.5.1.7 "La littérature brésilienne d'enfant: Tradition et ruptures". In: "Nous voulons lire!" Bordeaux, Association Nous Voulons Lire!, 1986 (no prelo)

Resumo: A literatura brasileira para crianças e jovens teve, pelo menos, três momentos decisivos: o período de decolagem, quando começou a ser produzida no país; o período lobateano (1921-1971), quando Monteiro Lobato reina sozinho em nossas letras para crianças; o período da "geração 70", iniciado no começo dos anos 70 quando novos autores, com novas propostas, começam a surgir, e durando até hoje. Todavia, se houve rupturas, a leitura infanto-juvenil é ainda privilégio de grupos favorecidos pelas transformações ocorridas na sociedade brasileira. Sem um redimensionamento de nossa indústria editorial, continuaremos,

por outro lado, a produzir títulos sem expressão, desperdiçando recursos escassos e difíceis de serem obtidos em países do Terceiro Mundo, como o Brasil.

55.

3.5.2 PREFÁCIOS

3.5.2.1 Prefácio a O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica, de Jacqueline Held. São Paulo, Summus, 1980 (Novas buscas em educação)

Resumo: A discussão da produção cultural para crianças volta-se quase sempre para o estudo dos possíveis efeitos dos produtos sobre o público. Tal postura indica antes preconceitos adutos que conhecimento desinteressado da mesma, além de indicar também exercício de poder que o mundo adulto não deseja ver questionado. O livro de Held é importante na medida em que discute este último aspecto, embora continue preso à tradição de estudos dos efeitos da produção cultural.

56

3.5.2.2 "Lobato: o avesso e o direito". Prefácio a O universo Ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato, de Zinda Maria de Vasconcellos. São Paulo, Traço Editora, 1982.

Resumo: A aplicação de uma abordagem de cunho dialético à obra infantil de Lobato permitiu à autora uma leitura que revela a existência de uma contradição básica na obra do autor de Taubaté: "Homem de elite preocupado com os problemas do povo". O prisma adotado possibilita, assim, o desvendamento de "avesso" e o "direito" da produção lobateana, atitude que evita reducionismos comuns em leituras ideológicas da produção cultural.

57

3.5.3 RESENHAS

- 3.5.3.1 No jornal "O Estado de São Paulo", secção de Artes. 84 resenhas críticas de livros infanto-juvenis, a partir de janeiro de 1982. Média aproximada de uma crítica a cada 15 dias. 58
- 3.5.3.2 No jornal "Mulherio", nº 3, da Fundação Carlos Chagas: "Eva Furnari desenhando o mundo que a criança vê". Resenha da Coleção Peixe-Vivo, São Paulo. Ed. Ática, 1981. 59
- 3.5.3.3 No jornal "Mulherio", nº 22, da Fundação Carlos Chagas: "Príncipe, não. De saias, quem sabe?!" Resenha do livro Procurando firme, de Ruth Rocha. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. 60
- 3.5.3.4 No BIBLI-Boletim informativo bibliográfico de literatura infanto-juvenil do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal de Cultura. 50 resenhas críticas (aproximadamente) de livros infanto-juvenis. Período 1979/1980 e 1985. 61
- 3.5.3.5 Na revista Nova Escola, nº 1, da Ed. Abril. Resenhas dos livros: Outra Vez, de Ângela Lago, BH, Ed. Miguilim, 1983; Era uma vez uma estrela, de Luís Camargo. SP, Ed. Ática, 1985; Bisa Bia, Bisa Bel, de Ana Maria Machado. RJ, Salamandra, 1982. 62

3.5.3.6 Na revista INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação, nº 53, jul./dez. de 1985. Resenha do livro de Jerusa Pires Ferreira & Luís Milanesi (orgs.), Jornadas impertinentes: o obsceno. São Paulo, Hucitec/Intercom, 1985.

63

3.5.4 DIREÇÃO DE BOLETINS

3.5.4.1 Criação, Direção e Redação do BIBLI - Boletim Informativo Bibliográfico de Literatura Infanto-Juvenil. São Paulo, Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal de Cultura. Boletim iniciado em 1979, premiado pela Associação Paulista de Críticos de Artes, na categoria de publicação especializada.

64

4 ATIVIDADES DIDÁTICAS

4.1 NO 1º E 2º GRAUS

4.1.1 Professor de Português e Francês da Rede Oficial de Ensino da Secretaria Estadual de Educação (SP), de março de 1969 a setembro de 1973.

65

4.2 NA UNIVERSIDADE, NO EXTERIOR

4.2.1 Na Universidade de Bordeaux III - França (Seção de Português)

4.2.1.1 Curso de língua portuguesa, ministrado para alunos da graduação, nos anos de 1973/1975

66

4.2.1.2 Curso de literatura brasileira, ministrado para alunos da graduação, nos anos de 1973/1975

67

4.2.1.3 Curso de civilização brasileira, ministrado para alunos da graduação, nos anos de 1973/1975

68

4.3 NA UNIVERSIDADE, NO BRASIL

4.3.1 Na Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior

4.3.1.1 Professor Titular de Teoria de Comunicação. Parecer do CFE nº 02815, de 06.07.78. (1978/1985)

69

- 4.3.2 Na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - Departamento de Biblioteconomia e Documentação
- 4.3.2.1 Professor (MS2) de História da Literatura. (1983/1985) 70
- 4.3.2.2 Professor (MS2) de Sociologia da Leitura. (1985) 71
- 4.3.2.3 Planejamento e orientação de estágios em Bibliotecas Públicas a serem efetuados durante o 1º semestre de 1986 por alunos do 7º semestre do Curso de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP. (Membro do grupo de professores encarregados do estágio) 72
- 4.3.2.4 Membro do grupo de professores do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP, encarregados da elaboração do programa da disciplina Biblioteca e Sociedade 73
- 4.4 OUTROS CURSOS
- 4.4.1 "Política e Comunicação" - Curso de extensão universitária, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (agosto-novembro de 1982) 74
- 4.4.2 "Leitura e Literatura na Biblioteca Infantil" - Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal de Cultura. 60 horas. (2º semestre de 1984) 75

- 4.4.3 "Literatura Infanto-Juvenil e Artes" - Curso para funcionários das salas-de-leitura das bibliotecas infanto-juvenis do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal da Cultura. 40 horas. (1985) 76
- 4.5 EXPERIMENTAÇÃO
- 4.5.1 "Bibliografia Brasileira sobre Hábitos de Leitura". Projeto de elaboração de bibliografia com alunos do 6º semestre de graduação em Biblioteconomia e Documentação, na ECA/USP, dentro da disciplina Sociologia da Leitura. Trabalho a ser continuado no ano de dentro da disciplina Bibliografia. Já foi realizado o levantamento bibliográfico e a leitura dos textos, durante o ano letivo de 1985. 77
- 4.6 PALESTRAS, CONFERÊNCIAS, DEBATES
- 4.6.1 "A Escola e a Formação do Leitor". Palestra realizada no Externato "Madre Alix", em São Paulo, para professores de 1º grau. (1978) 78
- 4.6.2 "A Exploração da Leitura na Escola". Palestra realizada no Externato "Madre Alix", em São Paulo, para professores do 1º grau. (1979) 79
- 4.6.3 "Leitura e Literatura Infanto-Juvenil". Palestra realizada no Curso de Especialização (Pós-Graduação "Latu Sensu") da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé, Minas Gerais. (1980) 80

- 4.6.4 "Literatura Infantil e Juvenil". Debatedor de mesa-redonda, realizada durante a XXVIII Semana Monteiro Lobato, sobre o tema "Literatura Infantil e Juvenil", na Universidade de Taubaté. (1980) 81
- 4.6.5 "O Livro Infantil e a Crítica". Conferência realizada na Pinacoteca do Estado, promovida pela Secretaria de Estado da Cultura. (1980) 82
- 4.6.6 "A Literatura Infantil e o Leitor". Palestra, realizada na Oficina da Escola Macunaíma, em São Paulo. (1980) 83
- 4.6.7 "Panorama das Artes - a Literatura Infantil". Debate, realizado na Rádio Cultura, em São Paulo. (1980) 84
- 4.6.8 "Ideologia e Literatura Infanto-Juvenil". Palestra proferida no "Curso de Biblioteca e Literatura Infanto-Juvenil", promovido pela Faculdade de Biblioteconomia e Documentação Teresa D'Ávila, de Lorena. (1981) 85
- 4.6.9 "Literatura Infantil: Realismo e Fantasia". Exposição em mesa-redonda, promovida pelo Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo. (1981) 86
- 4.6.10 "A Crise da Leitura no Brasil". Debate, realizado na Rádio Mulher, em São Paulo. Debatedor. (1982) 87
- 4.6.11 "Ação Cultural e Leitura nas Bibliotecas Públicas". Palestra para bibliotecários, realizada na Biblioteca Infantil Anne Frank, em São Paulo. (1982) 88

- 4.6.12 "A Leitura no Brasil". Debate realizado na TV Cultura, em São Paulo. Debatedor. (1982) 89
- 4.6.13 Depoimento a Maria da Glória Lopes, do jornal "O Estado de São Paulo", publicado na matéria "Livros para a Emancipação Infantil", de 01.09.1982. (1982) 90
- 4.6.14 "Breve, Eleições. Quem Será o Patrocinador da Cultura?". Debate promovido pelo jornal "O Estado de São Paulo", reproduzido na edição de 17.10.82. Debatedor. (1982) 91
- 4.6.15 "Leitura e Literatura Infanto-Juvenil no Brasil". Debate, realizado na "Rádio Excelsior", em São Paulo. (1982). 92
- 4.6.16 "O Que o Crítico Fez pela Arte no Ano Passado?". Debate promovido pelo jornal "O Estado de São Paulo", publicado na edição de 03.01.1983. Debatedor. (1983) 93
- 4.6.17 "Memória de Monteiro Lobato". Entrevistador, convidado pelo Museu da Imagem e do Som e pelo Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (Celiju), no projeto "Memória de Monteiro Lobato", visando o registro de depoimentos sobre o autor do "Sítio do Picapau Amarelo". (1983) 94
- 4.6.18 "Comunicação de Massa e Comunicação Bibliotecária. Técnicas de Comunicação em Comunidade para Adequação de Serviços Bibliotecários." Coordenação de Seminário realizado dentro do curso de especialização em Organização e Disseminação da Informação, realizado na Faculdade de Biblioteconomia e Documentação Teresa D'Ávila, de Lorena. (1983) 95

- 4.6.19 "Literatura Infantil na Escola". Conferência realizada na Escola Estadual de 1ª e 2ª graus "Dr. Alberto Cardoso de Mello Neto", nas comemorações da Semana do Magistério. (1983) 96
- 4.6.20 "A Produção Cultural para Crianças e Jovens no Brasil Atual". Conferência no curso de pós-graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais. (1983) 97
- 4.6.21 "Por Uma Nova Literatura Infantil". Entrevista concedida a Páginas Abertas, Seleção Bibliográfica. São Paulo, 8(34):p.3-7. Dezembro de 1983/janeiro de 1984. 98
- 4.6.22 "Literatura Infantil". Mesa-Redonda, promovida pelo Diretório Acadêmico do Centro Integrado de Educação Farias Brito, durante Semana Pedagógica, realizada nas Faculdades Farias Brito, de Guarulhos. (1984) 99
- 4.6.23 "Leitura na Escola". Debate, realizado no Externato Madrea Alix, com alunos do 1ª grau. (1984) 100
- 4.6.24 "Bibliotecas Públicas e Leitura". Conferência, promovida pela Prefeitura Municipal de Jacaréí, através da Secretaria de Educação, Cultura e Turismo, dentro do projeto "Feira do Livro". (1985) 101
- 4.6.25 "Pré-Escola e a Preparação do Leitor". Conferência realizada na Escola Municipal de Educação Infantil de Campo Limpo, São Paulo. (1985) 102

- 4.6.26 "O Novo Currículo de Biblioteconomia e a Formação do Bibliotecário". Expositor em Mesa-Redonda, realizada na Biblioteca Pública da Móoca. Designado pelo Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP. (1985) 103
- 4.6.27 "O Ensino da Literatura Infanto-Juvenil". Expositor em Mesa-Redonda, realizada durante a Bienal do Livro, em Bauru, promovida pela Secretaria de Estado da Cultura. (1985) 104
- 4.6.28 "A Edição do Livro Infanto-Juvenil no Brasil". Conferência, promovida pelo Instituto Brasil-EUA, dentro do I Seminário de Literatura Infanto-Juvenil de Belo Horizonte. (1985) 105
- 4.6.29 "A Literatura Infantil Brasileira numa Perspectiva Sócio-Cultural". Conferência realizada na Fundação Cultural da Bahia, dentro de um ciclo de palestras sobre literatura infantil, destinado a professores e bibliotecários do Estado da Bahia. (1985) 106
- 4.6.30 "Literatura Infantil e Ideologia". Palestra realizada na Faculdade de Psicologia do Instituto Metodista de Ensino Superior. (1985) 107
- 4.6.31 "Literatura Infantil na Escola". Debate realizado na Faculdade de Educação do Instituto Metodista de Ensino Superior. Debatedor. (1985) 108
- 4.6.32 "Literatura Infanto-Juvenil na Biblioteca". Palestra promovida pela Secretaria de Estado da Cultura, dentro de um ciclo de treinamento de bibliotecários para bibliotecas públicas do interior do Estado, realizado em Campinas, SP. (1985) 109

- 4.6.33 "Leitura na Biblioteca Infanto-Juvenil". Conferência, promovida pela Biblioteca Infantil do Centro Cultural do Jabaquara, São Paulo, dentro da programação de um ciclo de debates sobre a leitura na literatura infanto-juvenil na biblioteca. (1985) 110
- 4.6.34 "A Criança e a Produção Cultural". Conferência realizada no SESC do Rio de Janeiro, dentro do "Curso de Literatura Infantil", organizado por essa instituição, visando o treinamento de animadores culturais para as bibliotecas do SESC-Rio. (junho de 1985) 111
- 4.7 ATIVIDADES DIDÁTICO-ADMINISTRATIVAS
- 4.7.1 Chefe (eleito) do Departamento de Teoria e Pesquisa de Comunicação, na Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior. (1984-1985) 112
- 4.7.2 Membro da Congregação da Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior, enquanto chefe do Departamento de Teoria e Pesquisa da Comunicação na mesma Faculdade. (1984-1985) 113
- 4.7.3 Membro (eleito) da Comissão de Professores encarregados da elaboração de novo estatuto para o Instituto Metodista de Ensino Superior. (1984) 114
- 4.7.4 Representante do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, na comissão designada pela direção da ECA/USP, para estudo sobre fontes de captação de recursos financeiros para a ECA/USP. (1985) 115

5 ATIVIDADES PROFISSIONAIS

- 5.1 Diretor da Escola de 1º e 2º graus "Roland Jacob", em Parnaíba, Piauí. (1976-1977) 116
- 5.2 Correção de provas de redação, aplicadas pela Fundação Carlos Chagas aos candidatos de concursos vestibulares. (Janeiro e julho de 1978, 1979, 1980, 1981 e 1982 e janeiro de 1983) 117
- 5.3 Pesquisador cultural do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenil da Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo - Secção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato. (1979-1981 e 1983-1985) 118
- 5.4 Diretor da "Coleção Ponto de Encontro - Literatura Brasileira para Crianças e Jovens", das Edições Paulinas. (1982) 119
- 5.5 Crítico de literatura infantil e juvenil do jornal "O Estado de São Paulo". (1982) 120
- 5.6 Colaborador da Revista "Nova Escola" da Editora Abril, Secção "Livros". (1986) 121
- 5.7 Membro da comissão de seleção de livros infanto-juvenis para as Bibliotecas da Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo. (1983) 122

6	M E M B R O D E J Ú R I	
6.1	Membro do júri do prêmio anual da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil: "O Melhor para a Criança", "O Melhor para o Jovem", "Melhor Livro sem Texto". (1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984)	123
6.2	Membro do júri do "Prêmio Monteiro Lobato", instituído pela Prefeitura de Taubaté, para comemorar o aniversário do escritor. (1981)	124
6.3	Membro do júri do "Prêmio Jabuti", da Câmara Brasileira do Livro". (1982, 1983)	125
6.4	Membro do júri do "Prêmio Bienal do Livro", da Câmara Brasileira do Livro, patrocinado pelo Banco Noroeste. (1982, 1984)	126
6.5	Membro do júri do prêmio instituído pela Fundação Cultural da Bahia, nas categorias literatura infantil e literatura juvenil. (1985)	127

7	A S S O C I A Ç Õ E S A Q U E P E R T E N C E	
7.1	INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação.	128
7.2	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil	129
7.3	International Research Society for Children's Literature	130

